

ANÁLISE DAS VISÕES SOBRE O TRABALHO PRISIONAL NO CEARÁ

Ana Carolina Nunes de Macedo Sales, Monalisa Soares Lopes

O presente trabalho compõe parte das reflexões de dissertação de mestrado, sobre o trabalho de mulheres dentro de unidades prisionais, bem como de fora para dentro dessas unidades, no Estado do Ceará. Na elaboração da dissertação, observou-se que as postagens acerca do trabalho no sistema prisional, no Instagram da Secretaria de Administração Penitenciária do Ceará, geram grande engajamento — em especial, de familiares, amigas e companheiras de pessoas privadas de liberdade, as quais acompanham cotidianamente a página. Assim, buscou-se examinar, a partir das interações da referida Secretaria com seus seguidores, além dos seguidores eles próprios, as visões existentes em torno da temática trabalho prisional, no período marcado pela pandemia e pela suspensão de visitas em 2021. Utilizou-se, para tanto, a etnografia digital, ou “netnografia”, visto que tal método permite uma análise mais aprofundada e qualitativa a respeito do conteúdo dos comentários e do perfil dos interlocutores, não se limitando à “pesquisa de mercado”, como foram seus usos iniciais. Ao fim, foi possível elencar três visões principais: o trabalho como punição, defendida por aqueles que desejam que se cause mais sofrimento às pessoas encarceradas, mediante o trabalho forçado; o trabalho como meio de ressocialização, visão propagada pela gestão estadual e pelas empresas que fazem uso da mão de obra carcerária, ambas utilizando o trabalho prisional como propaganda, e, por fim, o trabalho como privilégio, em que a atividade laboral é vislumbrada como uma regalia, diante do grande número de desempregados no país. Em outras palavras, tais discursos refletem a intensificação do punitivismo, a necessidade de realização de um “branding” do presídio e a revolta quanto à redução de direitos de “trabalhadores livres”, aparentando possuírem forte relação com o cenário político e econômico neoliberal.

Palavras-chave: Sistema Carcerário. Trabalho prisional. Pandemia de Covid-19. Neoliberalismo.